

Não há mudança social mesmo com crescimento da classe C

 journal.usp.br/atualidades/nao-ha-mudanca-social-mesmo-com-crescimento-da-classe-c

Pedro Teixeira

26/03/2019

RÁDIO USP | SÃO PAULO 93,7 FM | RIBEIRÃO PRETO 107,9 FM
JORNAL DA USP NO AR
Segunda a sexta-feira, das 7h30 às 9h30

PARCERIA

**ie] A**
Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

**MEDICINA**
USP



Foto: Pedro Bolle/USP Imagens

Uma década depois da criação do termo “nova classe média”, essa parcela da população no Brasil voltou a crescer de 2017 para 2018, passando de 50% a 51% da população, uma adição de mais de 2 milhões de pessoas, após uma queda brusca nos dois anos anteriores. Embora ainda não tenham recuperado tudo o que perderam durante o período em que a economia recuou 8%, as famílias da classe C estão otimizadas com o que está por vir e pretendem voltar a comprar bens de maior valor agregado, como eletrodomésticos e materiais de construção, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva. Mais alguns números: 45% estão na região Nordeste; 59% se dizem negros; 45% têm ensino fundamental, 36% têm ensino médio e houve um aumento de 9% para 12% no ensino superior.

No livro *A Nova Classe Média*, o economista Marcelo Neri, ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos de 2013 a 2015, dividiu a população brasileira em classes segundo sua renda. A classe C (renda familiar mensal entre R\$ 1.446,24 e R\$ 4.427,35) seria a mediana, ponto médio entre a distribuição crescente da amostra e correspondente a 40% de seu total. O sociólogo Edison Bertoncello, em entrevista ao *Jornal da USP no Ar*, afirma, todavia, que a classificação numa análise social é sem sentido. Essa faixa populacional seria muito abrangente, “engloba desde o engenheiro em início de carreira até um eletricitista experiente, dois perfis muito distintos”, argumenta.

Fora isso, o nível de consumo da nova classe média flutua muito junto à conjuntura econômica nacional. Por não se tratar de um grupo de profissionais liberais, com ensino superior e posições de prestígio — normalmente são mão de obra não qualificada —, tanto a oferta de emprego como suas remunerações dependem da demanda interna e externa, diz Bertonce. Porém, momentos de recuperação e crescimento da economia, até os sutis como o atual, facilitam o acesso à maior variedade de produtos por essas famílias.

“A ampliação dessa oportunidade de consumo, de qualquer maneira, desloca as ambições das classes A e B (em algumas análises uma só correspondente aos 10% mais ricos do País). Ao passo que núcleos familiares conquistam carros e viagens, a exemplo de uma viagem Londres-Paris-Roma, os mais abastados procuram lugares exóticos e patrimônios mais raros, esclarece o professor. Algo esperado devido à própria composição desses grupos.

A mudança social se daria por meio da transformação de diversos pilares estruturantes desses núcleos familiares, a renda seria só um deles, embora tenha interstícios com os outros. “Entender essa complexidade demanda mais informação”, diz o sociólogo. “Perspectivas de carreiras, ou composição do núcleo familiar, podem fazer mais diferença do que o salário que o sustenta”, finaliza.

O *Jornal da USP no Ar* é uma parceria da Rádio USP, Faculdade de Medicina e Instituto de Estudos Avançados. Busca aprofundar temas da atualidade de maior repercussão, além de apresentar pesquisas, grupos de estudos e especialistas da Universidade de São Paulo.

No ar de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 9h30, com apresentação de Roxane Ré.

Você pode sintonizar a Rádio USP em São Paulo FM 93,7, em Ribeirão Preto FM 107,9, pela internet em www.jornal.usp.br ou pelo aplicativo no celular.